

Mitologias Agrárias

Coerência e Persistência

(Resumo)

Observando as datas de ocorrência das principais festividades tradicionais (populares) nos Açores, verifica-se existir uma grande coincidência entre estas e as datas das mudanças no calendário solar, como sejam os Solstícios e os Equinócios.

Não só as festividades coincidem com este calendário, como continuam a reflectir importantes aspectos das simbologias e crenças que lhes deram origem. Por outro lado, a persistência destas memórias em alguns países Europeus e as grandes semelhanças entre si, parecem indicar que no passado uma mesma matriz cultural, ligada à agricultura, terá dominado todo o continente. Pode-se mesmo sugerir que a base da cultura Indo-Europeia é configurada pelas suas mitologias agrárias.

Embora a expressão de elementos interpretativos da Terra e dos seus ritmos seja usual nos seres humanos e se manifeste nas mais diversas culturas e pelas mais diversas formas, nomeadamente pelo ritual, a Europeia possui algumas idiossincrasias, que se têm mantido vivas no imaginário das populações.

Através do seu vocabulário, a relação com a natureza aparece ligada ao restante sistema solar, ultrapassando poderosos constrangimentos, quer espirituais, quer materiais, e manifestando-se transversalmente nos vários modelos civilizacionais que utilizou.

Na Civilização Ocidental, alguns destes constrangimentos, como sejam as lógicas economicistas e religiosas, vão gradualmente minando o sentimento de veneração que presidia aos rituais ligados às divindades agrárias. Em algumas sociedades, porém, a sua persistência permite que ainda se possa observar, periódica e circularmente, a exibição desse magnífico cântico aos deuses.

A capacidade interactiva do homem com a terra e com a restante natureza, ao ser substituída por uma delegação de poderes na tecnologia, interrompeu a linha evolutiva das capacidades humanas que vinha sendo desenvolvida nesse sentido. Porém, através de uma análise hermenêutica dos rituais ligados ao Calendário Cósmico, mesmo que sumária na interpretação dos seus códigos, poderá restabelecer-se a ponte necessária a uma revisão deste pensamento para recuperação e desenvolvimento dos seus saberes.

MITOLOGIAS AGRÁRIAS Coerência e Persistência

Rituais Açorianos ligados ao Calendário Cósmico

Jorge Dias dizia que o isolamento pode ser responsabilizado por alguma desmotivação para a mudança. As culturas isoladas tendem a um ritmo de mudança mais lento que as outras.

Os Açorianos viveram, desde o início do povoamento do Arquipélago, num ambiente isolado por uma grande extensão de oceano. Isolados dos continentes e isolados entre si, de ilha para ilha, sujeitos a pressões diversas, tais como o desconhecimento do mar, os fenómenos vulcânicos e o contacto com uma natureza de características diferentes da continental, ditaram formas culturais específicas.

O facto de continuarem a tradição do Europeu arcaico, grandemente dependente da agricultura (o que em ilhas é uma opção estranha), terá sido causa determinante, não só de uma certa imobilidade, ou um receio da mudança, mas também, nas condições de isolamento em que permaneceram, da conservação de tradições já testadas.

Olhando os principais ritualismos Açorianos e vendo a sua morfologia de base como manifestações de carácter mitológico, embora se apresentem à superfície filiados na teologia Cristã, é possível encontrar-se muitas coincidências com as origens Indo-Europeias. As principais festividades do Arquipélago na actualidade, embora se apresentem sob a capa de mero divertimento, ou em outros casos, de religiosidade, continuam a revelar símbolos e modos de pensar que correspondem a um passado diferente do que é explicitado.

O objectivo deste trabalho é o de esboçar as principais características desse passado, subjacentes aos eventos festivos da actualidade, para deles fazer sobressair o sentido inicial. Deste modo é possível recobrar a lógica desaparecida, o que lhes confere racionalidade. Para o efeito, seleccionou-se um pequeno número das festividades mais significativas do Arquipélago, como exemplificativas dessa classificação.

Tendo em atenção o Calendário Solar, verifica-se que são as datas dos Solstícios e dos Equinócios as que congregam maior e mais representativo número de eventos festivos. Mesmo que nos cingíssemos apenas a esse indicador, ele já seria muito importante, por denunciar um propósito subjacente, ou não explícito, e portanto, um justificativo para a investigação. Existe porém um outro detalhe que legitima mais claramente a hipótese aqui lançada, da permanência das velhas mitologias Europeias nestes eventos: o sentido da festa, ou o tipo de sentimento que preside e que é correcto manifestar-se em cada uma das quatro diferentes épocas.

Este detalhe é decisivo para a percepção do sentido implícito, que ultrapassa (e por vezes contraria) o explícito. Ao serem interrogadas, as

peçoas eximem-se a dar respostas concretas acerca deste outro sentido invisível, da sua razão de ser, ou da sua natureza, mas no entanto, recusam admitir que possa ser mudado.

1. SOLSTÍCIO DE VERÃO

O Solstício de Verão é uma das datas de maior projecção no Calendário Cósmico, pelo facto de o Sol estar no máximo esplendor. A vegetação acompanha este ritmo com toda a pujança, o que faz com que muitas das manifestações tenham a ver com estes dois factores. A vegetação era entendida como uma manifestação divina na terra, uma dádiva do Sol, de grande importância para o homem recém sedentarizado (e inteiramente dependente da agricultura). A Igreja Católica, reconhecendo a força desta crença, uniu a esta data a da celebração de S. João, o “Santo da Natureza”, misteriosamente ligado a tantas práticas naturalistas do Solstício de Verão.

As Festas Sanjoaninas de Angra acontecem em pleno Solstício de Verão, oferecendo um emblemático exemplo das possibilidades existentes para o estudo das mitologias agrárias Europeias nas festividades populares. Nelas surgem muitas das simbologias ritualizadas que, ainda no século XIX, eram comuns um pouco por todo o Continente Europeu, segundo os relatos de Willelm Mandaarht, Arnold van Gennep, Mircea Eliade, ou James Frazer, assim como em Portugal, informam Leite de Vasconcelos e Ernesto Veiga de Oliveira, entre outros.

Dada a importância atribuída à “Rainha” (que representa Diana) a figura principal da Festa, a base conceptual que parece suportar toda a celebração deverá ser a da crença na sacralidade da vegetação, e a da possibilidade de transferência deste estado de “santidade” para a cidade, local impuro por contraste com a floresta.

No Cortejo da Rainha, peça fundamental das Sanjoaninas, Diana, deusa da vegetação, é invocada no acto de sacralização da cidade, antigamente executado através da “bênção” que se pedia a Diana (ou à Rainha) e objectivado nos ramos de vegetação que eram transferidos da floresta para o burgo. A vegetação purifica o burgo, libertando-o dos espíritos do mal.

Indícios desta ligação ao passado aparecem assim no conjunto de elementos que configuram as Sanjoaninas: não só no formato do Cortejo, mas também nas decorações com ramos de vegetação, em forma de arcos, de festões, de grinaldas, transportados nas “marchas de S. João”, de modo ainda ritualizado e complementado por muitas danças, que eram também um importante elemento do ritual da sacralização.

As Sanjoaninas parecem conservar estes vestígios, como memórias e intuições, cada ano apresentadas sob diferentes roupagens, por vezes salientadas, outras substituídas, mas mantendo sempre alguns aspectos fulcrais.

Dionísio, a contra parte de Diana, igualmente entendido como Deus da vegetação, é outra das divindades que, no passado, apareciam ligadas ao Solstício de Verão, sendo comumente representado na figura de um touro, sendo sob este símbolo que aparece nas Festas Sanjoaninas.

O touro (tal como na Grécia no mês de Junho, no ritual da *buphonia*) tem um papel preponderante nas Sanjoaninas de Angra, manifestado em diferentes situações, tais como esperas de gado, touradas de praça, touradas de rua (para crianças), num calendário bastante intenso. O sentido principal que parece ressaltar da relação com este animal, é o do desejo de

o ver e de estar próximo dele. Este sentimento torna-se particularmente evidente nas esperas de gado, mas surge também noutras situações. Num ano da década de 90, foi mesmo integrado num dos Cortejos uma espécie de altar com a escultura de um grande touro branco, levado aos ombros por vários homens.

As Sanjoaninas incluem ainda dois outros elementos fundamentais do Solstício: as fogueiras e o fogo da artifício, ambos simbolizando a necessidade da reconstituição da energia do sol (armazenada na vegetação), durante os períodos críticos (que na altura se entendiam como de mudança no seu percurso). Esta energia, liberta pelo fogo, toma aspectos mágicos caracterizados também nas sortes do salto da fogueira. Outros elementos de menor importância mas ainda pertencentes a este conjunto no passado estão presentes nas Sanjoaninas, tais como competições desportivas (que serviam para selecção do par representante dos deuses), determinados ritos pertencentes ao Culto do Espírito Santo, entre outros.

As Festas de S. João, ou Sanjoaninas, estão documentadas em termos históricos, em Angra, desde 1611. Celebrações do Santo acontecem também em várias outras ilhas, mas sempre ligadas à vegetação, o que aponta para a possibilidade da sua anterior origem. No Faial, por exemplo, neste dia a população dirigia-se em massa para um encontro comunitário na Caldeira (o lugar mais selvagem, ou de maior contacto com a natureza da ilha). No Pico, uma digressão semelhante tinha lugar em direcção aos ilhéus da Madalena, onde as pessoas passavam todo o dia.

2. EQUINÓCIO DE OUTONO

O evento de relevo que se segue insere-se já nas magias relacionadas com a aproximação do Inverno, cuja simbologia principal é a da morte. A mística da água destaca-se, na introdução deste período, por ser um elemento de ligação entre a vida e a morte, símbolo da dissolução no nada, e também, paradoxalmente, uma ligação com a vida, visto ser da água que esta surge. A ambiguidade do símbolo condiz com o sentido atribuído à morte.

Deste modo, era usual proceder-se em Agosto, em datas precisas (14 e 29), aos banhos sagrados, em tanques, rios ou mar. Ainda hoje em dia podem ser observados em Portugal continental, em S. Bartolomeu do Mar, entre outros locais, verdadeiras romarias para o “banho sagrado”. A imersão na água funcionava como um mimetismo da morte, de onde se pretendia retornar à vida puros, livres dos males e pecados.

Nos Açores, esta mística também existiu, mas foi gradualmente transformando-se no que agora se designa como as “Festas do Mar”, eventos de grande envergadura, realizando-se em sequência umas às outras, em Santa Maria, Faial e Pico, sempre próximo da data original. Embora com rituais diferentes, parecem reproduzir parte do sentido mítico de outrora, principalmente pela sua localização (no mar), pela natureza de “peregrinação” que mantém, arrastando milhares de pessoas de ilha para ilha, e principalmente pelas datas de realização, que funcionam aqui como o “fóssil”, ou resíduo do passado.

3. SOLSTÍCIO DE INVERNO

O Inverno simboliza a morte. O Culto dos Mortos, que nas sociedades hedonistas Ocidentais é mantido quase ignorado, tinha um sentido completamente diferente no passado. Cria-se que os mortos continuavam um outro tipo de vida, de onde protegiam os seus. Era entendido que habitavam um departamento (o subsolo) onde se passava o mistério da transformação das sementes em plantas e frutos (morte e ressurreição). A eles era pedida a protecção das sementes, bem precioso para a sobrevivência das populações agrárias. Pensava-se também que eles aconselhavam os vivos, por isso eram sepultados na proximidade e por vezes dormia-se sobre a sua campa para os “ouvir”. O simbolismo do Inverno, embora compreendendo a morte, está sempre ligado à vida. Nos seus rituais e junto dos locais onde repousam os mortos era vulgar encontrar, paralelamente, formas de erotismo, que se julgava poderem ser estimuladoras da energia vital de que estes necessitariam.

Durante o mês de Novembro, e a começar no primeiro dia (o dos mortos, no calendário Celta), com o “Pão por Deus”, várias celebrações tomam este aspecto ambíguo. A de S. Martinho, que tem lugar a 11, reveste-se muito claramente de ambiguidade. Aí, os manjares rituais alternam com as bebedeiras e as brincadeiras de uma obscenidade gratuita, socialmente inaceitável fora deste contexto (mas fazendo parte do mesmo sistema de sentidos). Ritos semelhantes, onde se percebe um conceito diferente da morte, prolongam-se por Dezembro, culminando com a chegada do Solstício de Inverno e a celebração do renascimento do Menino Sol a 22 (agora Cristianizado), que os mortos são chamados a participar.

4. EQUINÓCIO DE PRIMAVERA

A importância atribuída a esta época do ano agrícola tem a ver não só com o renascer da vegetação, vital para povos dela dependentes, mas também com a antiga noção de que o homem teria importante papel na germinação da vegetação. Este papel, no entanto, dependeria do seu estado de “pureza”. A influência que o homem pudesse exercer na germinação e crescimento da vegetação estava sujeita ao seu estado de alma e à submissão aos ditames da moral do grupo. Se tivesse perdido a pureza, teria que tentar recuperá-la, pois desse facto estaria dependente a produção agrícola e a sobrevivência dos seus. A recuperação da pureza era conseguida através do sacrifício (oferta), quer individual, quer comunal.

Era mesmo entendido que, sem a “purificação”, quer dos indivíduos, quer das comunidades e mesmo dos seus animais, toda a produção agrícola estaria em perigo. Compreende-se assim que um maior número de práticas religiosas tenha ainda lugar neste período de tempo e que as mesmas mantenham o sentido sacrificial da sua função original, no passado. Compreende-se também que uma maior preocupação com o acto religioso tenha maior expressão nas áreas de produção agrícola, mesmo que, como é o caso, na sua maioria, estas tenham sido cristianizadas. Verdade seja dita que, na generalidade, os rituais Cristãos possuem o mesmo sentido, alterando apenas os protagonistas.

Devido à complexidade deste período, os ritos a ele ligados obedecem a três diferentes intenções, todas subordinadas à mesma crença, mas empregues em diferentes funções:

a) a da **preparação** do homem para o seu papel de interventor no acto sagrado de fazer germinar a vegetação. Nesta preparação estão incluídos rituais de purificação, traduzidos em sacrifícios (como a morte de um membro importante da comunidade, que mais tarde passa a ser a de um animal). A morte de Cristo, e toda a Semana da Paixão, exemplificam o pensamento da época, sendo que na actualidade, os Romeiros e a Festa de Santo Cristo, em S. Miguel, traduzem as obrigações inerentes a esta função. Outros sacrifícios como tabus alimentares, abstinência sexual, e a análise social, com a respectiva culpabilização pública dos infractores das regras sociais, são também meios de obtenção da pureza. As práticas de análise social e de culpabilização dos infractores estão expressas nos Bailinhos e Danças de Carnaval da Terceira, como importantes reminiscências dessa crença; mas o sentimento de culpa e a necessidade de purificação, enfatizado pela Igreja Católica nesta altura, com a obrigatoriedade da confissão e comunhão Pascal, clarificam o tipo de sentimento considerado próprio da época.

b) a **intervenção**, que consistia na erotização da área e dias correspondentes à germinação das plantas. A prática de ditos e actos obscenos, na vizinhança das plantações, assim como o riso ritual e o desnudamento destinavam-se não só a provocar a luxúria de Zeus (na forma de chuva), mas contribuíam também para um aumento da exaltação individual, com a transferência de energia vital das pessoas para as plantas. As festas carnavalescas atestam as memórias desta prática, quer através do nudismo, quer do riso e do frenesim, criando o clima geral de erotismo, considerado essencial;

c) o **agradecimento** pelo renascer da vegetação e pelo brotar dos frutos. Este agradecimento era parte integrante de um bom relacionamento com a divindade. O aproveitamento dos frutos da Terra (eles próprios também sagrados) só poderia ser legitimado através de um contrato com a divindade. Sem este acordo, poderia ser perigoso ingerir ou aproveitar-se dos frutos. O contrato consiste na oferta de alguns frutos, os primeiros (Primícias) ao Deus, ou em seu nome, aos outros membros da comunidade, antes de alguém ingerir qualquer um destes produtos. As Festas do Espírito Santo, que dominam todo este período nos Açores, exemplificam, com a oferta de grandes quantidades de manjares rituais, este contrato, designado como "Promessa". São também campo fértil para a investigação de mitologias, visto terem mantido sempre alguma independência em relação à hierarquia católica, investindo na criatividade ou intuição dos praticantes.

5. Conclusão

Os vestígios de mitos agrários e a sua persistência nos rituais actuais aparecem expressos, quer nas coincidências de calendário, quer no espírito considerado correcto para cada período temporal.

Através destes vestígios (que Eliade designa humoristicamente como “fósseis”) será possível restabelecer em parte a mística que originou a cultura Indo-Europeia, estimulando assim uma maior atenção aos ritmos da terra e ao sentido sagrado que lhe era devidamente atribuído, como berço da vida.

Em paralelo, será igualmente possível, no campo científico, proceder a testes sobre algumas das crenças de então, procurando as razões para o suporte objectivo que as sustentava. A exemplo cita-se a que refere a influência (magnética?) que o homem pode exercer sobre o crescimento das plantas, por já ter sido objecto de investigação. Poderá abrir-se assim toda uma nova área de intervenção científica que contribuirá não só para o alargamento do horizonte científico, como para restaurar o sentimento de amor e respeito pela terra.

Mas será numa melhor compreensão da hermenêutica e numa ligação mais estreita desta ao pensamento científico que o passado e o presente encontrarão repercussões.

Angra, Julho de 2004
Antonieta Costa

Referências Bibliográficas

Álvarez de Miranda, *Ritos y Juegos del Toro*, Madrid, 1962/1998

Antonieta Costa, *O Poder e as Irmandades do Espírito Santo*, Edição Rei dos Livros, Lisboa, 1999.

Arnold van Gennep, *Manuel de Folklore Français Contemporain*, Paris, 1947

James Frazer, *The Golden Bough, a study in magic and religion*, Library of Congress, Oxford, Great Britain, 1890/1994

Mircea Eliade, *Tratado de História das Religiões*, Edição Cosmos, 1970/1977

Wilhelm Mannhardt, *Mythologische Forschungen aus dem Nachlass, Quellen und Forschungen zur Sprach- und Kulturgeschichte der germanischen Völker*, Strassburg 1884, vol 51 “Germanische Mythen”, Berlin 1858